

BIBLIOGRAFIA

CHARLES DARWIN: **The Origin of Species**. Introduction by Sir Julian Huxley. XV + 479 págs. Mentor Books. The New American Library. Nova York, 1958.

Com tãda razão afirma Ashley Montagu que, depois da Bíblia, nenhuma obra exerceu tamanha influência sôbre o espírito humano como "A Origem das Espécies" de Darwin. O centenário de sua primeira edição, que se comemora êste ano, dá ensejo, em todo o mundo científico, a uma tomada de consciência do profundo sentido revolucionário que as idéias expostas nesse livro tiveram para a Biologia, a Antropologia, a Psicologia e outros domínios de investigação.

Graças aos trabalhos de uma infinidade de pesquisadores no decorrer dêste últimos cem anos, principalmente no campo da Genética e da Paleontologia, ciências de formação recente, estamos hoje em condições de compreender melhor os múltiplos aspectos do problema da evolução dos seres vivos, mas também, por outro lado, de avaliar com maior justeza o alcance da contribuição genial de Darwin. Indo, ou parecendo ir de encontro às mais ararigadas convicções religiosas, filosóficas, sociais ou científicas de representantes de diferentes esferas do pensamento humano, foi a teoria darwinista submetida, como nenhuma outra, aos rigores da crítica implacável e por vêzes violenta. Não obstante, falharam tãdas as tentativas de destruí-la. Tem resistido aos argumentos que se lhe opuseram e, entre os biólogos, os paleontólogos e os antropólogos de nossos dias, não há praticamente quem a rejeite. Mesmo os poucos céticos concordam em que não dispomos de outra teoria científica em que se enquadrem, com a mesma naturalidade e lógica, os fatos observados. Certo, o princípio da seleção natural, como o formulou Darwin, não basta por si só para explicar todo o processo evolutivo dos seres vivos, nem foi esta a pretensão de seu autor, mas a natureza causal dêsse mecanismo na diferenciação de plantas e animais ficou fora de dúvida desde a demonstração rigorosa e convincente feita pelo próprio Darwin. Quando, nos primeiros decênios dêste século, se constituiu a Genética, ciência da hereditariedade, não foram poucos os que julgavam incompatíveis os seus resultados com a teoria darwinista. Hoje êstes mesmos resultados servem para corroborá-la. Tanto maior o nosso respeito pela inteligência e pela capacidade de intuição de Charles Darwin, que, ignorando totalmente as leis biológicas da transmissão dos caracteres hereditários, e aceitando mesmo a transmissão das modificações adquiridas, conseguiu determinar um princípio básico do mecanismo pelo qual a natureza cria formas novas. Antes dos resultados da Genética experimental não havia prova concreta da possibilidade de uma espécie se poder transformar em outra; por seu turno, os efeitos da seleção natural sôbre a formação das raças, em Antropologia, ou variedades, em Zoologia e Botânica, eram de há muito reconhecidos mesmo pelos adversários da evolução. Os que continuam em posição de ceticismo ou que, pelo menos, não consideram "provada" a teoria evolucionista distinguem

entre micro-evolução ou evolução intra-específica, que já ninguém põe em dúvida, e macro-evolução, ou transespecífica, a que preside à formação de espécies novas e que naturalmente constitui postulado básico de toda consideração de ordem filogenética. Se é certo que as próprias limitações inerentes às nossas possibilidades, já por causa da lentidão do processo, não nos permitem presenciar ou observar a emergência de espécies novas nas circunstâncias normais da natureza, e, com isso, fornecer aos céticos a "certeza" que exigem, não é menos certo que a evidência fornecida pela Genética experimental e pela Paleontologia de nossos dias, completando-se uma à outra, não deixaram de convencer a quase totalidade dos cientistas de que as espécies não são fixas, mas mutáveis. Há também céticos que, concordando embora em que a evolução vale de modo geral para as plantas e os animais, excetam o homem, em virtude da posição especial que lhe cabe no conjunto dos seres vivos. Entretanto, os dados da Antropologia somática e da Paleoantropologia moderna não justificam a exceção. Em todos os sentidos, o homem, enquanto animal, se enquadra perfeitamente nas leis que regem os demais seres vivos. Por outro lado é claro que a natureza humana não se esgota na animalidade. Como o único ser criador de culturas, isto é, de suas próprias formas de vida, o homem se destaca de maneira inequívoca dentre todos os seres vivos. Todavia, não temos, por enquanto, nenhum método científico para verificar se as manifestações de inteligência no mundo animal devem ou não ser interpretadas como estágios rudimentares da inteligência humana, nem tampouco para evidenciar que nos animais a capacidade de aprender é de fato essencialmente similar à faculdade humana de receber das gerações ascendentes o patrimônio integrado de experiências, de soluções e valores tradicionais do grupo, de saber, enfim, até que ponto são simplesmente quantitativas as diferenças entre os animais e o homem na adaptação eficiente a novas situações. Embora seja da alçada de psicólogos e antropólogos a tarefa de investigar o problema pela aplicação dos métodos de que dispõem, a sua discussão é ainda da competência da especulação filosófica e do pensamento religioso. Conquanto Darwin afirmasse, algo timidamente, no capítulo final da "Origem das Espécies", que a teoria da seleção lançaria alguma luz sobre o enigma das origens humanas, o que aliás, o seu livro posterior sobre "A Descendência do Homem" e todo o desenvolvimento da ciência antropológica viriam comprovar em sentido pleno da palavra, e conquanto Julian Huxley, fazendo um retrospecto sobre um século de estudos com recurso à teoria da evolução, não hesite em dizer que esta lançou luz até mesmo sobre o destino da humanidade, reconhecemos que se trata de assuntos em que, como em nenhum outro, exceto o da origem da vida e da própria matéria, se manifestam os limites da ciência, cujas fronteiras aí se confundem com as da filosofia.

Isto em nada diminui a importância da contribuição de Darwin, antes a evidencia. Uma teoria científica comprova a sua grandeza na medida em que é capaz de ultrapassar-se a si própria e de fornecer uma perspectiva de pensamento que, transcendendo as questões particulares, determina as linhas mestras de toda uma imagem do mundo, em que é capaz, enfim, de nos colocar ante a possibilidade de uma apreciação dos valores que prezamos e que motivam as nossas ações. Não há, pois, nenhum mal, muito ao contrário, em que uma teoria científica seja também uma teoria filosófica. Nem por isso ela precisa afetar as convicções religiosas, suposto que não deve haver nenhuma contradição entre a ciência e a religião, e